

# ABATALHA

## UM MOVIMENTO REVOLUCIONARIO RADICAL

**Os revoltosos trouxeram para Almada a artilharia que estava aquartelada em Vendas Novas - Uma companhia da G. N. R., enviada pelo governo para sufocar a revolta fez causa comum com os revoltosos - Protegida pela canhoneira "Bengo", infantaria 16 desembarcou em Cacilhas, onde acampou - Os revoltosos bombardearam o Castelo de São Jorge, que se limitou a responder-lhe - O governo conta jugular hoje a revolta**

Ontem de manhã a população de Lisboa foi surpreendida pela notícia de mais uma revolução. Entretanto a cidade apresentava o seu aspecto normal. O mesmo movimento nas ruas, até a mesma tranquilidade nos estabelecimentos.

Ao começo da tarde circularam os primeiros boatos. Os boatos inevitáveis nestas circunstâncias... Que a revolução era conservadora, que a revolução era radical...

Durante a noite houvera grande azáfama na polícia e efectuaram-se várias prisões. O tenente-coronel Justiniano Esteves, um capitão, o tenente Graça, do forte da Ameixoeira, e um civil de apelido Monteiro foram presos.

Pouco a pouco as informações foram-se concretizando. A revolução era de caráter radical e os revoltosos encontravam-se em Almada.

A Batalha, órgão do proletariado, como sempre, segue atentamente os acontecimentos. O operariado vê, observa e não intervém em revoluções políticas. Só quando suas liberdades perigam e regalias conquistadas se encontram ameaçadas intervir. Enquanto as revoluções se limitam a um ajuste de contas entre os políticos, o povo trabalhador limita-se a ver e a colher dos factos ensinamentos que possam aprofundar-lhe.

### Depois dos primeiros tiros

A pesar da imprensa matutina informar que o movimento estava jugulado, o alvorço da população não conseguiu refrear-se. Os boatos circulavam por toda a cidade, asseverando-se que na outra margem do Tejo estavam concentradas grandes forças dos revoltosos, suficientes para fazerem triunfar o movimento que parecia ter abortado de madrugada.

Nesta intranquillidade de espírito tinha quase gaigado a tarde quando se ouviu uma forte detonação. Os revoltosos concentrados em Almada procuravam referenciar o tiro, e outras detonações se seguiram.

A cidade ofereceu então um aspecto bizarro. Forças dobradas da G. N. R. patrulhavam as ruas e a polícia ordenava que os estabelecimentos encerrassem às 18 horas, o que fez sem protesto.

O nosso "reporter", pôsto em campo partiu do Rossio, onde apenas de anormal, a essa hora, se notava o encerramento de estabelecimentos, algum movimento de tropas e os habituais aglomerações de curiosos que nunca faltam nestas emergências.

Desses curiosos partiu a informação de que em Alcântara se deram acontecimentos. Para lá seguiu a side-car com o nosso reporter.

Pequena paragem em infantaria 2, onde apenas se verificava de extraordinário a prevenção rigorosa. E a moto seguiu Pamplona quando a polícia intimou a parar. Revista rápida e eis que se nos depara o quartel dos marinheiros.

### No Quartel dos Marinheiros

A corporação dos marinheiros era uma das que os revoltosos contavam. Por isso era ali que vinha saber se havia novidade. A sentinela apesar da prevenção, recebeu-nos carinhosamente.

Queremos falar ao oficial de serviço.

Minutos depois o oficial de serviço está junto ao portão. E ali naquele lugar onde o mesmo oficial recebe o nosso reporter.

Um chuveiro de perguntas e o nosso co-locutor, moco ainda, responde-nos com evasivas.

Que não havia nada. Que na corporação se mantinha a maior disciplina, nada de anormal se passando...

E mais não disse aquele oficial, em quem julgávamos colher as mais preciosas informações.

Os boatos fervilhavam agora com mais intensidade. Quando passávamos no Terreiro do Paço um nosso camarada diz-nos que no hospital de São José havia um grande número de feridos. Para ali nos dirigimos.

No hospital de São José tudo a postos

O movimento no banco do hospital era grande. Muitos médicos e estudantes tinham ocorrido ao hospital para prestar os seus serviços.

O dr. sr. João Pais de Vasconcelos, diretor dos hospitais civis, com quem dese-

jávamos falar, estava na enfermaria de que é director: São Francisco.

Antes de entrarmos naquela enfermaria,

passámos pelos quartos particulares, onde

alguns esbirros nos espiaram durante mi-

nutos...

O dr. João Pais, que nos acolheu solícito,

diz-nos:

No Hospital de São José está tudo a

postos: director, médicos, ecônomo, enfer-

meiros, criados, pessoal de cozinha, etc.

Com visível satisfação o director dos

hospitalas acrescenta:

Calculem os senhores que até alguns

estudantes vieram prestar o seu desinter-

ressado auxílio.

Povo, vem a nosso encontro e confia-

nos destinos desta grande nacionalidade.

Viva a República Radical!

### A atitude do Partido Radical

A insurreição tinha, segundo todas as infor-

mações e as aparições também o indi-

cam, um carácter radical. Será curioso sa-

ber o que sobre o assunto pensa o partido

radical. Uma figura de relevo desse agru-

amento político fez ontem a um jornal

da noite declarações categóricas que pas-

samos a reproduzir:

— Nem eu — declara o dr. Gonçalo Cas-

miro — nem o P. R. Radical tem conhecimen-

to do real ou imaginário movimento

revolucionário que se preparava para esta

madrugada e que segundo boatos que an-

dam em lousa correria pela cidade defla-

grá esta tarde, dentro de algumas horas

ou de alguns minutos.

— O movimento?

— Ignoro a sua finalidade. Terá é, por

ventura, finalidade? Nunca ouciu o que

pensei, nem mesmo em casos de certa gra-

vidade, mas o que não posso é ter opiniões

desde que não possuo elementos para as

fundamentar.

— Ignoro a sua finalidade. Terá é, por

ventura, finalidade? Nunca ouciu o que

pensei, nem mesmo em casos de certa gra-

vidade, mas o que não posso é ter opiniões

desde que não possuo elementos para as

fundamentar.

— E achava lógico, no momento actual,

um movimento revolucionário?

— Não acho esta ocasião a melhor para

um cometimento desta natureza. Talvez

seja a pior, por uma longa série de razões

que entendo, pelo menos hoje, ser inopor-

tuno expor-lhe...

— Cumprimento de estilo e a pregunta in-

evitável:

— O senhor comandante pode informar-

-nos...

Não chegamos a concluir a frase. O ma-

yor João H. de Melo atorvou solícito:

— Pouco vos posso dizer, meus caros se-

nhores. Só sei o que se passa aqui no quar-

tel, o que é muito pouco.

— Os estragos produzidos pelas granadas

dos revoltosos são importantes?

— Não posso informá-lo, só sei o que se

passa aqui no quartel...

Um oficial que assistia ao coloquio, elu-

cido:

— No quartel apenas caiu uma granada

que pouco estragos causou. As restantes

cairam nos prédios circunvizinhos, pare-

cendo que causaram vítimas.

— A conversa desviou agora para uma in-

formação que um jornal da manhã de ontem dava ao público sobre o major sr. João Henrique de Melo. Para que os leitores de A Batalha conhecem o que há de verdade

sobre essa informação e a atitude do refe-

rido oficial, que, como já dissemos, é o com-

andante do batalhão de infantaria 16, ou-

— Não é verdade o que se disse da minha

pessoa. E não é verdade, porque eu estive

aqui nesse lugar que o senhor vê toda a

noite e só sei de manhã.

E fechar:

— Só sei o meu espírito que o redactor

daquele jornal viu visitando os quartéis...

Voltámos ao gabinete dos primeiros ofi-

ciais que nos receberam no quartel. Ainda

conseguimos apurar que o Castelo de São Jorge se limitou a responder ao fogo

dos revoltosos e por indicação superior.

— Não sei que surpresas nos reservará a noite.

— Que receipt então?

— Qualquer complicação em Lisboa.

— Quantos soldados têm os revoltos?

— Duzentos, e muitos civis.

— Sempre sorriu, o nosso entrevistado

não nos deu mais informações. Saímos con-

vinados de que o director da P. S. E.

ficava muito preocupado.

\* \* \*

Estivemos no Arsenal da Marinha. Mar-

ineiros pelos corredores, calmos, sorri-

entes. De quando em vez o ruído dum de-

tono.

— Este é do Castelo de São Jorge.

— Este é do Almada.

— Quizemos saber novidades.

— Nada sabemos — ripostaram-nos.

— Mas com um pouco de boa vontade sem-

pre nos foram dizendo que o tenente Ne-

grão Neto ia embarcar com tropas para a

Outra Banda.

Das janelas do Arsenal olhávamos a ou-

tra margem escura e enigmática. Na sua

negruza calma, lá do outro lado, os revo-

lotos curiosos ou exigentes e a sessão prosse-

## CARTA DO PORTO

## A grotesca homenagem à memória dos precursores da República foi impedida por uma providencial trovada

PORTO, 31.—A chuva torrencial que hoje caiu, ininterruptamente, sobre a cidade, a rija ventania que açoitou violentamente, impediram que a fórmula do cortejo fúnebre até junto do monumento dos precursores desta belíssima república, se efetuasse com tóda a gala oficial que os seus promotores pensaram imprimir-lhe.

O elemento pluvioso semelhava-se, na nossa imaginação, a caudais lacrimosos vertidos por um povo arreliado que fôra iludido na sua esperança bondé e videntemente exposto aos seus direitos à vida, outrora tão defendidos pela turba republicana nas comícias manifestações... E o ecoar do trovão, pareceu-nos o rugir popular a atrocar os seus imóveis de desespero nas tristes selvas da desgraça...

Porque, na verdade, a celebração do 31 de Janeiro não passa de um cruel insulto aos sonhos do passado. Os idealistas de 1891 que sanguinosamente tombaram na freguesia de São António, poderiam, falando a respeito do país, parafrasear os seus próprios ditos de então: «O primeiro cuidado que tem é varrer a república, que lhe representa o calote, e, com ela, o crasso pessoal do constitucionalismo. Sem este regime de chatins, sem essa caterva de políticos, sem esse tortuoso da inscrição, poderíamos recomeçar uma história nova...».

João Chagas, na sua *A República Portuguesa*, não podia admitir que se consentisse, «sem uma explosão formidável de cólera», nos pactos firmados «entre os negociantes de Londres e os traficantes da política portuguesa».

O manifesto do diretório do partido republicano português de 1891, que à Inglaterra chamou potência mercantil, moderna Cartago, «que não conhece deveres nem mutualidades»—pode ainda hoje ter oportunissima aplicação: «todos os tratados com a Inglaterra têm sido feitos exclusivamente em benefício da segurança dinástica... das clientelas republicanas do partido republicano português...».

Latino Coelhão declarou, com tóda a pertinacidade, que a velha Albion esteve sempre «habituada a despojar o seu pântano aliado», pensando eternamente, «ora pela astúcia dos seus diplomáticos, ora pela brutal intimidação, acrescentar as suas possessões na África oriental, arrebatando aos portugueses os tratos mais valiosos do seu território ultramarino...».

«O desprô de todas as fórmulas de cortezia internacional foi sempre «igualado pela iniquidade sólamente fundamentada no abuso repugnante da força material...» da Inglaterra...

Por isso, afirmam os autores da *História da Revolta do Porto*, o «conflito anglo-português de 1890 foi a causa única da revolta» de 31 de Janeiro.

C. V. S.

## Nas obras da Câmara Municipal procura-se estabelecer a empreitada

Sobre a local que há dias publicámos, referente à tentativa de estabelecimento do regime de empreitada nas obras da Câmara Municipal, recebemos uma carta dum grupo de operários das referidas obras, em que nos pede para pormos de sobreaviso todo o operariado contra os manejos dum grupo de aparelhadores e encarregados que têm feito um perfeito aliciamento de trabalhadores, dos que eles supõem menos conscientes, a fim de traírem não só a regalia da conquista do trabalho do jornal e o horário de trabalho como outras, que tanta estorvo têm custado ao operariado.

Esse grupo de inimigos das regalias operárias é composto pelos seguintes individuos: João Duarte, António Simões, João Pinto, Leopoldo dos Santos e António de Sousa Marques.

Contra as arremetidas, truculentas de tais criaturas devem prever-se todos os operários, tendo em conta que a empreitada, sob todos os aspectos, constitui um grande perigo. A empreitada traz o definimento físico e industrial e o abastardamento moral. O operário que cai no lôgo contribui para as crises de trabalho que mais tarde ou mais cedo o atingirão, não conseguindo nesses períodos de miséria ressarcir-se com os fugazes lucros da empreitada de agora, nem lhes valendo nessas emergências os empreiteiros falsos amigos.

As vítimas do ciúme

Do nosso informador dos hospitais recebemos o seguinte comunicado:

Na Primeira Rua Particular aos Prazeres, 7, r-c, direito, reside o comerciante de hortaliças da Ribeira Nova, Izidro de Figueiredo Ramos, de 34 anos, que há cerca de 2 anos vive em companhia de Jesusina de Jesus Guedes, de 44 anos, natural da Lisboa. Ontem, cerca das 14 horas, encontrava-se o Izidro em casa, partindo a machado uma porção de lenha e teve com a Jesuina uma questão, parece que por ciúmes, da qual resultou aquele, com o machado de que se achava servindo, vibrar umas poucas de machadadas na cabeça da mulher fracturando-lhe o crânio. Em seguida saiu para a rua, armado com a mesma arma, dirigindo-se para a Parada dos Prazeres. Na ocasião saiu de uma taberna de José David Monteiro, o negociante de gados Inácio Alves, de 57 anos, natural de Sabugosa e residente no Casal Evaristo, 103, compadre do agressor, a quem o Ramos se dirigiu vibrando-lhe também uma machadada e produzindo-lhe um ferimento na cabeça. Aos gritos de socorro acudiram vários populares e a polícia que desarmou e prendeu o agressor, enquanto os feridos eram conduzidos ao posto da Cruz Branca, onde receberam os primeiros socorros, sendo em seguida transportados num auto da Cruz Vermelha ao hospital de São José, em cujo Banco foram observados pelo cirurgião de serviço, dr. Amando Pinto, e devidamente pensados, recolhendo a Jesuina à Sala de Observações, em estado grave, seguindo o Inácio para casa.

Marreu o "Sempre Fixe"

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, onde dera entrada no dia 23 último, por doença, faleceu ontem, Manuel Lima, aquele tipo popular conhecido pelo "Sempre Fixe" que contava 36 anos, natural de Lisboa e tinha a profissão de vidraceiro.

## LIGA DOS DIREITOS DO HOMEM

Na última assembleia foram eleitos os novos corpos gerentes.

Sob a presidência do sr. dr. Magalhães Lima, reuniu a assembleia geral da Liga dos Direitos do Homem. Antes da ordem de serviço, a Neves recorda que no tempo da propaganda republicana os paladinos afirmaram que era mister que a organização militar, em Portugal, fosse por milícias. Porém, já quinze anos de República, não se alterou o sistema. Com a guerra o militarismo passou a ser um dos factores predominantes para o agravamento das despesas públicas.

Na proposta orçamental para 1926-27 o capítulo «Ministério da Guerra» apresenta um aumento de 12.357 contos em relação à despesa fixada para o ano anterior. Assim a despesa ordinária é de 149.114 contos, a extraordinária de 143.045 contos; total 292.160 contos, é quanto se gasta com o Ministério da Guerra. A crescente-se a esse despendido mais 85.179 contos com a guarda republicana, e aqui temos como o militarismo custa ao país 377.339 contos anuais, ou seja 1.033 contos diários, excluindo a polícia militarizada.

E porque é interessante o confronto de se dizer que a verba orçamentada para o Ministério da Instrução é de 144.473 contos, excluindo o ensino agrícola, industrial e comercial.

Terminou propondo que a Comissão Patriota da Liga intensifique a propaganda anti-militarista, que é necessária neste momento. A proposta baixou à comissão.

En seguida foi lido o relatório do Diretório pelo secretário Virgílio Marques.

Sobre o mesmo usou da palavra Alvaro Neves, que se referiu à representação da Liga junto da Liga dos Amigos dos Hospitais, a qual deixou de subsistir por aquela colectividade, nem a direcção dos Hospitais, ter declarado como utilizou a verba de 16.000 contos orçamentada. Usou mais da palavra sobre o relatório o sr. dr. Arnaldo Brazão e Valente de Almeida. Em seguida foi aprovado o relatório e contas e eleitos.

Assembleia geral: Presidente, dr. Magalhães Lima; vice-presidente, Alexandre Ferreira; 1.º secretário, Homem Belino; 2.º secretário, dr. Frado Coelho.

Directório: Presidente, dr. Luz de Almeida; vice-presidente, Fernando Brederode; secretário int. Joaquim Cardoso; sec. ext., Elio do Amaral; tesoureiro, Ramos Paiva; vogais: dr. Arnaldo Brazão, Agostinho Fortes, Virgílio Marques e Joaquim Cardoso.

Conselho Jurídico: Drs. Carneiro de Moura, Arnaldo Brazão e Espírito Santo Lopes.

Estudos sociais: Drs. Agostinho Fortes, Andrade Saraiva, Carlos de Lemos, Dr. Francisco de Noronha e Alvaro Neves.

Propaganda: Virgílio Marques, César da Silva, Afonso Correia, Santos Arranha, dr. Nobreza Quintal e Félix Fernando Pereira.

Foi proclamado visitador da Liga, o sr. D. Francisco de Noronha.

Seguiu-se a eleita a Comissão Pacificista que ficou composta pelos srs. dr. Magalhães Lima, Gomes de Carvalho, Santos Arranha, Carlos Bandeira Codina, Ramos Paiva.

## Proletários.

Não deveis esquecer aqueles vossos camaradas que se encontram sofrendo os horrores dos cárceres. É necessário que lhes dispenseis, hoje, um pequeno auxílio monetário, assim de lhes minorar a sua situação angustiosa. Que cada um cumpra o seu dever de solidariedade.

## A OBRA DOS «GAIOLEIROS»

## Desabamento dum prédio na rua Saraiva Lima

Cerca das 4 horas de ontem abateram as traízes do prédio n.º 64 da rua Sebastião Saraiva Lima, pertencente ao sr. Joaquim Rodrigues. Os inquilinos dos seus cinco andares há muito que previam a derrocada, e, por isso, já tinham mudado grande parte dos seus bairros para casa de vizinhos. O senhor, sob vários pretextos, recusou-se sempre a mandar fazer as obras necessárias à conservação do prédio e só no princípio do inverno se lembrou de proceder à colocação de empens para aguentar as traízes já bastante arruinadas.

A chuva e o vento dos últimos dias abalaram consideravelmente a gaiola e os inquilinos viram-se obrigados a recolher a casa de estranhos, não havendo, portanto, desastres pessoais a registrar. A derrocada provocou grande pânico, tendo comparecido no local do sinistro os bombeiros municipais e voluntários, que procederam aos trabalhos necessários para evitar que o resto do prédio abatida.

Não perde pela demora. Quando o fiz cítei provas bastantes, mas se não fôr preciso quebrar-lhe os dentes, com provas mais concluientes ainda, será melhor não gastar cera com tão ruim defunto, por enquanto.

Agradecendo a inserção desta subscricao, agradeço.

Penitenciária de Coimbra, 31-1-1926.

UM RECLUSO

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

TEATRO GIMNASIO

em que é director o tão aplaudido actor

GIL FERREIRA

HOJE repete-se a hilariante

TIA ANDREZA

DOMINGO EM MATINÉE

9.º concerto

FAO

HOJE EM DUAS SESSÕES

A FESTEJADA FANTASIA BURLESCA

As onze mil virgens

Magnificentes scenários

Encantadora música

Brillantíssima encenação



# A BATALHA

EM LOURENÇO MARQUES

## A tacanhez de um alto comissário, servida pela preversidade de alguns sicários

A greve ferroviária do pessoal dos Caminhos de Ferro e Porto de Lourenço Marques foi declarada em 11 de Novembro de 1935. Três meses passados, a greve ainda não teve a sua natural e lógica solução.

Em termos sóbrios mas eloquentes, pela boca dum professor e jornalista com 20 anos de Moçambique, fez à *Batalha* a história da greve, provando-se que a responsabilidade desse grandioso movimento operário pertence simplesmente ao governo, como ao governo pertence a responsabilidade da atribuída vida administrativa daquela colónia bem como dos acontecimentos gravíssimos que em Lourenço Marques se têm produzido.

Centenas de presos sem culpa dos espancamentos, tiroteio nas ruas, e Alto Comissário guardado por metralhadoras, os serviços do caminho de ferro e porto prejudicados—prejuízos diários de centenas de milhares de libras, e descredito lançado sobre um porto que custou 5 ou 6 milhões esterlinas, o governo da União Sul Africana e o general Smuts, pousando a vista, cubigos, sobre um território onde as autoridades oferecem um constante espetáculo de desordem, de desrespeito pelas suas próprias leis, de falta de prudência e de tino.

E tudo porque a inépcia se alia ao faccioso, a ignorância dos mais comissionados processos de administração à malvadez.

Pode dizer-se que em Lourenço Marques não há governo. A demência turvou o espírito dos que detêm o poder; um ex-sargento expulso do exército e preso no Niassa por entendimentos com os alemães durante a grande guerra, meteu-se na pele do Alto Comissário, e é ele que manda, é ele que desgoverna, é ele que denuncia à polícia as vítimas que há de gerar mas masmorras.

Quem é essa figura sinistra?

*Adelino Figueiredo Lima*, fixe-se bem o nome. Depois de expulso do exército; depois de preso, como traidor, no Niassa; depois de irradiado dum loja macônica de Lisboa, com o voto do actual ministro das Colónias; depois de se querer vender ao ministro Bulhão Pato e do insultar por este o não querer comprar; depois de ameaçar o Grémio dos Agricultores da Zambézia, com campanhas de descredito, para lhe apanhar alguns cobres; depois de ter cometido inúmeras tratantadas em Cabo Verde, engordando à sombra dos que naquela arquipélago morriam de fome; finalmente, depois dum vida de expedientes e de crápula, Figueiredo Lima blasfemando de esquerda, com cartas no bôsco de Urbano Rodrigues, apresentou-se em Lourenço Marques.

O governo era detestado. O Alto Comissário estava divorciado de todos os organismos económicos e sociais de Moçambique. Era o momento.

*Figueiredo Lima* foi ao palácio. Ofereceu a sua desvergonha, o seu impudor. Foi aceite. Na cidade nenhuma tipografia lhe quis compôr um pasquim que pretendia lançar. O Alto Comissário, tendo alugado o lacaião não hesitou: mandou-lhe fornecer, por empréstimo, caixas de tipo da Imprensa Nacional. O pasquim saiu.

E ai comega Figueiredo uma nova obra de traição. Dizendo-se esquerista, vendeu-se a Azevedo Coutinho; proclamando-se avançado, tornou-se o esbirro, o Torquemada dos Ferroviários de Lourenço Marques.

Traidor à sua Pátria, traidor aos principios, traidor aos homens.

Quando se deu o divórcio entre a direita e a esquerda democrática, tendo-se cavado um profundo abismo entre a população de Moçambique e Azevedo Coutinho, em virtude de alguns elementos lisboetas do Partido Democrático teceram em sustentar à frente dos negócios daquela Província a figura apagada e nula de Azevedo Coutinho, — as forças eleitorais iam voltar-se para José Domingos dos Santos, chefe do grupo onde militava Carlos de Vasconcelos, o ministro das Colónias que quis desfazer o Alto Comissário incompetente e perdulário.

Mas Figueiredo Lima apareceu. Inculcou-se o chefe do esquerdismo; e toda a gente de vergonha, enojado com o impudor do grilheta, virou costas.

Com ele ficou Azevedo Coutinho. Com ele ficou o Severino das Patilhas. Trindade sinistra, com um criado, às ordens, no Comissariado de Polícia.

Fabricaram uma Reorganização de serviços do Caminho de Ferro que é uma grossa monstruosidade. Bodo aos grandes e fome aos pequenos. Os grandes aumentados em 30 libras mensais, aos operários cortadas as regalias que possuíam. Lauta mesa aos filhados, a perseguição e a miséria aos que não estavam nas boas gracas da situação.

Os prejudicados reagiram. Reagiram ordeiramente, altivamente. Não queriam mais. Desejavam que lhes fossem mantidas as regalias anteriores.

Nas altas esferas do governo apareceu um homem justo. Sustentou a boa doutrina, condenando os aumentos, reprobando os cortes. Sacrifícios para uns e benefícios para outros, era imoral. Além de imoral era subversivo. Quem gastava mais de 576.000 libras, num ano, em aumentos de vencimentos, não tinha autoridade para lançar na miséria uma classe a título de fazer economias.

Quem esbanjara, numa passeata a Londres, correndo atraçum dum quimérico empréstimo, não menos de 10.000 libras, não tinha o direito de apertar o cinto aos trabalhadores.

Azevedo Coutinho, reu dos maiores esbanjamentos, inteligência mediocre, nulidade comprovada, administrador pernicioso, que se lançara em semelhante caminho, ia sair pela janela. Foi então que lhe apareceu o esbirro Figueiredo Lima, com os bolsos atafulhados de libras das cambiais e o Severino das Patilhas, com os olhos a luxarem como carbunculos, mostrando pelos até na alma.

Formou-se a trindade. Começaram as prisões. Prisões em massa, prisões de indivíduos de quem nem sequer se sabia o nome. Era preciso amedrontar pelo terror. Quem falava, era preso. Pelas ruas da cidade, mesmo os que iam à sua vida, eram espadecidos, levados às esquadras.

Garantias constitucionais? — Que é lá isso nesta democracia de opereta?

## Federacão Ferroviária

Participa aos organismos sindicais que se encontra instalada no Largo de São Domingos, 11-2, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

## Secção Telegráfica

### Federacões

METALURGICA

S. U. Metalúrgico de Aljustrel — Se-  
gue expediente.

## A reacção imperialista na república cubana

O operariado de Cuba sofre um duro regime por imposição dos grandes industriais norte-americanos que, como os militares, se apoderaram de todo o país. A crise económica incessantemente se agrava e, como o capitalismo os opriema, os operários resolvem lançar-se na luta.

Há meses, os trabalhadores texteiros declararam-se em greve, exigindo aumento de salário. O patronato não quis ceder e encerrou todas as fábricas de tecidos e lantos.

Os plantadores de açúcar organizaram-se para a sua defesa económica. O governo fez, então, prender numerosos militantes operários, a fim de evitar que prosseguisse a luta contra os capitalistas americanos.

Os camponeses, por sua vez, têm resistido a quantas sugestões têm aparecido e estão na disposição firme, resoluta, de prosseguir no movimento até que justa lhes seja feita.

E não é porque o proletariado do país lhes tenha prestado assistência monetária para acudir às mais necessidades de recursos com que possam fazer face às necessidades mais imperiosas.

Neste particular — e bom é frisar o facto para ser tido na devida conta — a solidariedade das demais classes operárias tem sido nula, o que — digam lá — também é justo nem é humano, e depois muito pouco a favor do espírito de solidariedade da classe trabalhadora em emergências destas, para o qual a C. O. T. e as grevistas já apelaram.

Contudo, e quais só custa do seu sacrifício só já quase 5 meses passados e as valentes grevistas mantêm vivo o espírito de resistência dos primeiros dias.

Neste momento estão os industriais a sentir-se em sérios apertos. Muitos deles, para sustentar um capricho estúpido, estão sentindo já os efeitos da sua tempestade.

Um hóquei que, só por um feliz acaso, foi impedido de terminar o trágico designio de entregar o pescoco ao baraco da força. Outros sentem-se dia a dia a fraquejar e todos eles só agora estão a reconhecer que foram vítimas das manobras traíçoeiras dos maiores potentados.

Um destes, a Companhia de Criação e Comércio de Gados, quis, anteontem, ilustrar as suas operárias que se conservam em greve. Mandou oferecer 90 centavos por hora e chamar a maior parte do seu antigo pessoal. A maior parte, apenas, porque pretendia exercer represálias sóbres umas tantas, aquelas que maior soma de energia têm dispindido na luta.

Viu, porém, frustrado o seu intento. As grevistas compreenderam perfeitamente que se tratava dum armadilha, pois a Associação respondeu ao respectivo gerente que as grevistas não retomavam o trabalho senão nas condições anteriores e sem exceção de nenhuma delas. O bono do homem respondeu que "a casa teria ao serviço quem quisesse", desmascarando desde modo a grevistas para as desmoralizar, gorando-se assim, ao cabo de 5 meses, uma luta que já pode considerar-se vitoriosa.

Não há dúvida que os industriais chegaram ao momento em que têm que decidir. Ou atendem as justas pretensões das grevistas, mantendo os salários anteriores e não fazendo odiosas exclusões, ou terão que encerrar definitivamente as portas, tanto porque não terão quem os sirva como porque não faltam outros centros industriais a fornecer o mercado.

As grevistas entendem, e muito acertadamente, que assim como foi por intermédio da Associação Comercial que os industriais se lhes dirigiram colectivamente, deve ser por meio da mesma colectividade que os industriais devem dar o movimento por terminado, comunicando por escrito à Associação das operárias o seu compromisso de manter os salários e demais regalias do seu pessoal.

O que é necessário e urgente é que as classes operárias prestem uma solidariedade mais intensa às valorosas lutadoras que estão dando um dos mais nobres exemplos de resistência e tenacidade. — E.

## Pessoal da Fábrica Vulcano

Reuniu ontem, pelas 14 horas, o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar a tabela que os industriais daquela casa colocaram na porta do escritório da fábrica. Foi dada a palavra ao delegado do sindicato, que combatê dum forma energica a tabela com a baixa de salários aconselhando os grevistas a continuarem no seu movimento.

Palaram alguns grevistas que combatem a atitude dos industriais declarando que estão dispostos a lutar o tempo que for necessário até que justa lhes seja feita.

Os grevistas retinham hoje, pelas 13 horas, na sede do sindicato.

Pelas 10 horas, reúne a comissão que foi eleita juntamente com a comissão de melhoramentos para tratar da distribuição dos donativos.

## GRÍSE DE TRABALHO BAIXA DE SALÁRIOS

### LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Los hijos de la calle», de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

### II CONGRESSO JUENIL

Uma sessão em Vendas Novas.

VENDAS NOVAS, 30.—Promovido pelo Núcleo de Juventude Sindicalista realizou-se uma sessão de propaganda pro-congresso juvenil.

Presidiu Joaquim da Piedade Azevedo, secretariando Joaquim Fragoso Pimenta e Bento de Oliveira Lopes.

Falaram, entre outros, os delegados da Federação das Juventudes Sindicalistas, Vergílio de Sousa e José dos Santos, que produziram interessantes discursos, os quais a assembleia muito aplaudiu.

Ficou resolvido que o Núcleo da Juventude Sindicalista em Vendas Novas se fizesse representar no aludido congresso.

### Edições de "A Sementeira"

Práticas não-maltusianas..... \$50  
O sentido em que somos anarquistas..... \$30  
A peste religiosa..... \$40  
A Liberdade..... \$50  
A Internacional (música e letra)..... \$50

Pedidos à A BATALHA ou no Cris do Sodré, 88

## AS GREVES

### Chacineiras de Aldeagalega — Valioso exemplo de lutadoras

Os anais do movimento operário em Portugal não registam nestes últimos tempos uma greve tão prolongada como a das operárias chacineiras de Aldeagalega.

E uma greve que dura já cerca de 5 meses sem sombras de desfalcamento haja empanado o brilho da luta. As valorosas grevistas têm resistido a quantas sugestões têm aparecido e estão na disposição firme, resoluta, de prosseguir no movimento até que justa lhes seja feita.

E não é porque o proletariado do país lhes tenha prestado assistência monetária para acudir às mais necessidades de recursos com que possam fazer face às necessidades mais imperiosas.

Neste particular — e bom é frisar o facto para ser tido na devida conta — a solidariedade das demais classes operárias tem sido nula, o que — digam lá — também é justo nem é humano, e depois muito pouco a favor do espírito de solidariedade da classe trabalhadora em emergências destas, para o qual a C. O. T. e as grevistas já apelaram.

Contudo, e quais só custa do seu sacrifício só já quase 5 meses passados e as valentes grevistas mantêm vivo o espírito de resistência dos primeiros dias.

Finalmente, a moção e o aditamento foram aprovados.

Acírca da nova organização sindical, entram em discussão as seguintes bases:

Substituição das Uniões departamentais (distritais) por uniões de sindicatos ou regionais; transformação dos sindicatos de classe em sindicatos de indústria, com base na unio local; adaptação das federações às regiões.

As federações regionais, relata o autor da moção, devem ser estabelecidas definitivamente procurando ligar fortemente as indústrias da região, a fim de se obter uma sólida organização sindical.

Estas propostas não encontraram verdadeira unanimidade. Um delegado, por exemplo, declarou que se safa, assim, das normas advogadas pelo sindicalismo, criando-se uma organização centralizadora. As uniões departamentais são mais vantajosas que as uniões regionais. A propósito, referiu que o conselho confederal se constitui por 28 delegados regionais e uns vinte federais. Um conselho desta forma não representa os votos sindicais.

Outro delegado apontou as dificuldades de ligação entre as uniões regionais. Ainda outro, protesta contra tal organização, que permitiria aos sindicatos mais fortes absorverem os mais fracos.

Contudo, as bases propostas foram apoiadas por maioria.

Procedeu-se à eleição do comité executivo da união departamental, encerrando-se em seguida o congresso.

## A última sessão do congresso regional dos sindicatos parisienses

Foi no domingo, 24 de Janeiro, que se efectuou a última sessão do congresso sindical parisiense.

Logo, de inicio, os delegados dos chauffeurs apresentaram uma moção que emite o voto de que os jornais operários possam sair no dia primeiro de Maio, mesmo que as indústrias declarem qualquer greve geral.

O delegado da Federação do Livro e do Jornal opôs-se a esta moção por entender que nenhum jornal, operário ou burguês, deve sair nesse dia. Fazendo-se um jornal unicamente sindical, será justo que ele se publique, mas esta concessão não deve ser feita a nenhum outro jornal.

Trava-se uma polémica entre estes delegados, afirmando os chauffeurs que os seus taxis se colocam sempre ao serviço dos sindicatos, ainda que se esteja em período de greves.

Entre tanto, o secretário da União Departamental propõe um aditamento à moção:

que todos os jornais avançados se coloquem, no dia primeiro de Maio, à disposição do movimento operário, desde que isso seja solicitado, e sob a fiscalização sindical.

Finalmente, a moção é aprovada.

Acírca da nova organização sindical, entram em discussão as seguintes bases:

Substituição das Uniões departamentais (distritais) por uniões de sindicatos ou regionais; transformação dos sindicatos de classe em sindicatos de indústria, com base na unio local; adaptação das federações às regiões.

As federações regionais, relata o autor da moção, devem ser estabelecidas definitivamente procurando ligar fortemente as indústrias da região, a fim de se obter uma sólida organização sindical.

Estas propostas não encontraram verdadeira unanimidade. Um delegado, por exemplo, declarou que se safa, assim, das normas advogadas pelo sindicalismo, criando-se uma organização centralizadora. As uniões departamentais são mais vantajosas que as uniões regionais. A propósito, referiu que o conselho confederal se constitui por 28 delegados regionais e uns vinte federais. Um conselho desta forma não representa os votos sindicais.

Outro delegado apontou as dificuldades de ligação entre as uniões regionais. Ainda outro, protesta contra tal organização, que permitiria aos sindicatos mais fortes absorverem os mais fracos.